

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
COM A LINHA DE SOMBRA  
16 de junho de 2025

## O PÃO / 1959-1963

um filme de Manoel de Oliveira

**Realização e Montagem:** Manoel de Oliveira / **Argumento, Sequência e Fotografia** (Eastmancolor): Manoel de Oliveira / **Assistentes de Realização:** Lopes Fernandes e Sebastião de Almeida / **Som:** Fernando Jorge / **Assistentes de Som:** António Ribeiro / **Chefe Electricista:** Augusto Camilo / **Transcrição do magnético para óptico:** Enrique Dominguez / **Segunda versão (curta).**

**Produção:** Manoel de Oliveira, para a Federação Nacional dos Industriais de Moagem (FNIM) / **Laboratórios:** Tobis Portuguesa (1959); Tobis Portuguesa e Ulyssea Filme (1963) / Nacional Filmes (som) / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, em 35mm, cor, 24 minutos (segunda versão, de 1963) / **Primeira apresentação da versão de 1959:** Sala do Pavilhão da Feira Industrial de Lisboa, 29 novembro de 1959; sem registo de estreia comercial / **Primeira apresentação da versão de 1963:** 27 de Setembro de 1963, Casa da Imprensa, Lisboa / **Estreia da versão de 1963:** 19 de Abril de 1966, Cinema Monumental, Lisboa.

---

O Pão é apresentado com **Zéfiro**, de José Álvaro Morais (“folha” distribuídas em separado).

com a presença de Filipe Raposo

---

*O pão de cada dia obriga a um esforço constante, de que o homem sai dignificado...*

*O ciclo da semente: fecundação, nascimento, recolha, transporte do grão, moagem industrial, panificação moderna; distribuição e consumo do pão; regresso da semente à terra.*

*Um novo ciclo se inicia...*

Conhecem-se duas versões de O PÃO, documentário de Manoel de Oliveira que acompanha o “ciclo do pão”, produzido para a Federação dos Industriais de Moagem. Uma primeira versão de 1959, com cerca de uma hora, que foi mostrada publicamente nesse mesmo ano na Feira Industrial de Lisboa, e uma segunda, significativamente mais curta, remontada por Oliveira em 1963, exibida pela primeira vez na Casa da Imprensa, em Lisboa, a 27 de Setembro desse ano, e a única a estrear comercialmente, em 1966; aquela que exibimos nesta sessão. Em várias ocasiões, Manoel de Oliveira referiu preferir a versão mais curta, dado o seu maior poder de condensação face a uma primeira montagem em que não resistiu a “mostrar demasiado”. Oliveira explica-o claramente na entrevista concedida a João Bénard da Costa publicada no catálogo da Cinemateca, *Manoel de Oliveira – Cem Anos* (2008): “Quando fiz O Pão eu estava sedento de cinema. Queria abordar todos os meios, todos os sítios. Essa sede de

cinema levou-me a mostrar e a misturar muita coisa (...) Na versão longa, acho que exagerei demais, prejudicando a ideia central do filme. Porque a ideia do filme é a ideia de que o pão é como uma corrente de um rio que passa por vários lugares, passa por diferentes mãos, por diferentes hábitos ou fardas (é melhor chamar-lhes fardas para facilitar). Interessou-me muito dar essas diferenças, que na versão curta são mais evidentes: cada um dá um contributo para uma coisa geral, uma coisa que dependia de vários, uma longa faixa de diferentes acções que corriam e que contribuíam para o mesmo fim, que era o **Pão – o pão nosso de cada dia.**” Se a versão longa esteve praticamente invisível nos últimos anos, dado ser a curta a preferida de Oliveira, a que se juntou o facto de que para a concretizar, o cineasta remontou o negativo de câmara da versão original, perdendo-se o negativo em sobra, e da primeira versão apenas sobreviveram cópias com muita degradação de cor, essa primeira versão mais longa pôde agora ser novamente mostrada fruto de um restauro com recurso à tecnologia digital, realizado pelo Arquivo da Cinemateca em 2018.

Antes de mais será interessante contextualizar a referência do cineasta à sua “sede de cinema” nesse ano de 1959. Encomenda da Federação Nacional dos Industriais de Moagem, **O Pão** é realizado pouco depois de **O Pintor e a Cidade** (1956) e dos mais de vinte anos que separam este de **Aniki Bóbo** (1942). A remontagem da sua segunda versão acompanharia já **Acto da Primavera** e **A Caça**, ambos de 1963, que de algum modo garantem uma maior continuidade na obra de Manoel de Oliveira, que será definitivamente assegurada por **O Passado e o Presente**, longa-metragem de 1971, que põe termo a um ciclo marcado por enormes hiatos e silêncios, inaugurando uma nova fase em que sobressai a ficção. Os anos que precedem **O Pão** são os anos marcados por um forte pendor documental, do “vanguardista” **Douro, Faina Fluvial** (1931), a três documentários mais modestos – **Hulha Branca** (1932), **Portugal Já Faz Automóveis** (1938) e **Famalicão** (1940) – para culminar em **O Pintor e a Cidade** (1956). Esta é a primeira obra que realiza a cores, que Oliveira trabalha em todo o seu esplendor, como acontecerá também em **O Pão**, que partilha com outros documentários industriais seus contemporâneos dirigidos por autores conotados com o cinema novo (Fernando Lopes realiza **As Palavras e os Fios** em 1962) uma mesma vontade de experimentação cinematográfica, que ia muito para lá da reconstituição didáctica de processos de produção.

Mas de entre os filmes atrás citados, **O Pão** será talvez o documentário mais pessoal de Oliveira, pois ao descrever um processo de fabrico, não resiste em deter-se sobre o carácter sagrado do pão, inscrevendo o ciclo do pão no ciclo mais vasto da vida, “da fecundação da semente” ao “regresso da semente à terra”. Trata-se de uma obra repleta de símbolos e de imagens que extravasam o mero processo da produção e da distribuição do pão para nos dar a conhecer a riqueza do universo de um Autor, cuja coerência só compreendemos verdadeiramente tantos anos e tantos filmes depois. Como todos os grandes artistas, Oliveira começava a estabelecer uma concepção de *mundo*, que se desenhava já nas primeiras obras, desde os miúdos de **Aniki Bóbo**, quando os coloca a discorrer “sobre a noite e sobre as estrelas, sobre o diabo e as tentações”, ao modo como coloca em confronto “o palco do povo” com “o palco da burguesia”, as vivências dos ricos e dos pobres, do campo à cidade, tão claramente demonstrado em **O Pão** no *raccord* entre o pão colocado em cima de uma mesa do Hotel Ritz e o pão em cima de um remediado banco de madeira. **O Pão** é ainda um filme sem actores, no sentido tradicional do termo, mas cujos actores com a sua presença têm um papel impressionante: pensemos nos rostos e nos corpos que compõem o jovem casal que se casa na sequência inicial. E são muitas as implicações metafísicas e as associações que convidam à participação do espectador na convocação do homem para uma visão global que transcende a própria natureza, no sentido da espiritualidade.

Henrique Alves Costa, grande amigo de Manoel de Oliveira, já observava esta coincidência entre o filme e o pensamento de Oliveira em 1961, quando escrevia no jornal *O Comércio do Porto*: “Há obras que são o perfeito espelho dos seus autores. ‘**O Pão**’ é uma delas, embora à primeira vista possa parecer estranho que se diga isto a propósito de um documentário. E, no entanto, nunca o temperamento, o pensamento e as inquietações de Manoel de Oliveira transpareceram tanto de uma obra sua como neste exaustivo e minucioso documentário sobre o ciclo do trigo, desde que o grão é deitado à terra até que se transforma em pão (...).” Conta-se que **O Pão** não terá sido muito apreciado pelos industriais que o encomendaram, que não terão gostado de se ver retratados na sua ilustre reunião. O que não é de estranhar se pensarmos na singularidade de um filme, que não se assemelhava a nada do que se fazia na área de documentário em Portugal, muito menos no domínio dos filmes de encomenda. No lirismo e na riqueza das suas associações conseguidas através de um cuidado processo de montagem, nas suas qualidades fotográficas e na ausência de qualquer comentário-*off* que guie o espectador, **O Pão** revela-se como decisivo para a renovação do documentário em Portugal.

Um filme em que a descrição de um processo de produção revela uma inédita temporalidade no modo como ancora uma visão extremamente abrangente do mundo nos gestos mais quotidianos, e numa actividade tão primordial e rica em simbologia como o fabrico do pão. E é aqui que nos é permitido de discordar de Oliveira, quando critica a falta de concisão da mais longa das versões. A sua duração de cerca de uma hora, embora possa implicar uma maior dispersão, também permite evidenciar a importância de um tempo e de uma respiração, que se tornam frequentemente palpáveis. Comparadas hoje as duas versões, se a mais longa sobressai, tal deve-se aos “riscos” que corre numa multiplicação de aspectos e de pontos de vista sobre uma realidade que se transcende a si mesma, que Oliveira persegue e monta com uma mestria invulgar. Mas **O Pão** é um filme que, em qualquer das versões, na sua restituição (e transfiguração) de alguns dos gestos mais triviais da vida, vai plenamente ao encontro do que Manuel de Oliveira afirmou, numa conversa com Antoine de Baecque e Jacques Parsi, que teve lugar em 1994. Como disse então, citando Jean-Luc Godard: “O cinema não é uma arte. O cinema não é a vida. Mas situa-se precisamente entre as duas.”

Joana Ascensão